



Disponível em
<http://www.anpad.org.br/rac>

RAC, Rio de Janeiro, v. 19, 3ª Edição Especial,
Outubro 2015
<http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2015150258>



Editorial

Herbert Kimura

Universidade de Brasília – UnB

Editor-chefe da RAC

Apresentamos a edição especial da Revista de Administração Contemporânea (RAC), trazendo seis artigos da divisão de Comportamento Organizacional, com diversidade de temas e abordagens. Alguns estudos utilizam técnicas qualitativas, com análise de discurso e entrevistas, enquanto outros exploram ferramentas quantitativas a partir de respostas a questionários.

No primeiro artigo, **Com que Cor Eu Vou pro Shopping que Você me Convidou?**, Marco César Ribeiro Nascimento, Josiane Silva de Oliveira, Juliana Cristina Teixeira e Alexandre de Pádua Carrieri analisam “como os discursos sobre o perfil de usuários dos shoppings centers na cidade de Belo Horizonte evidenciam dois aspectos do contexto sócio-histórico brasileiro: as relações raciais e a segregação socioespacial nos contextos organizacionais”.

O segundo artigo, **Contestações Sobre o Masculino no Contexto do Trabalho: Estudo Pós-modernista em Mineradoras e Siderurgias**, de Eloísio Moulin de Souza, Mônica de Fatima Bianco e Gelson Silva Junquilha, analisa “sob uma perspectiva cultural (Connell, 2004; Prasad, 2012) como as mudanças no masculino têm afetado a divisão do trabalho no setor minerossiderúrgico”.

Já no terceiro artigo, **Diferentes Vínculos Indivíduo-Organização: Explorando seus Significados Entre Gestores**, Ana Paula Moreno Pinho, Antonio Virgilio Bittencourt Bastos e Diva Ester Okazaki Rowe investigam “o Comprometimento Organizacional nas bases afetiva, normativa e instrumental, de acordo com o modelo de Meyer e Allen (1991), e mais dois vínculos – Entrincheiramento e Consentimento Organizacionais”.

O quarto artigo, **Análise sobre a Produção Acadêmica Brasileira em Comunidades de Prática**, de Luciano Mendes e Ligia Maria Soto Urbina, analisa “a evolução das publicações acadêmicas brasileiras a respeito do termo comunidades de prática, visando identificar, ao longo do tempo, o crescimento destas comunidades, assim como as transformações dos conceitos e suas utilizações nos textos acadêmicos”.

O quinto artigo, **Explorando Aspectos Indígenas da Gestão numa Organização Financeira: Jeitinho e Sociedade Relacional**, de Ricardo Antonio Fernandes e Darcy Mitiko Mori Hanashiro, com “foco em dois traços: Jeitinho e Sociedade Relacional, ... buscou identificar e analisar a incidência de ambos na gestão de uma organização financeira”.

Finalmente, no sexto artigo, **Conexão Social Intraorganizacional, Suporte no Trabalho e Identificação Organizacional**, Cristiano Oliveira Maciel e Camila Camargo examinam “em que

medida os recursos relacionais, (a) suporte no trabalho (nas dimensões organização, chefe, colegas) e (b) conexão social intraorganizacional, estão associados à identificação organizacional”.

Dando continuidade às discussões de editoriais anteriores da RAC, aproveitamos o editorial para abordar métricas de acompanhamento da produção científica, focando no *índice h*, direcionado originalmente para a mensuração de citações de um determinado pesquisador.

De acordo com Hirsch (2005), um pesquisador possui um *índice h* se h de seus N *papers* tiverem pelo menos h citações cada um e os outros $(N - h)$ *papers* não tiverem mais que h citações cada. Por exemplo, se um pesquisador possui um *índice h* igual a 7, então os seus 7 artigos mais citados têm no mínimo 7 citações cada e os demais artigos do pesquisador não possuem mais de 7 citações cada.

Considerando o uso para ranquear pesquisadores a partir da produção acadêmica, estudos como os de Cronin e Meho (2006) e Oppenheim (2007) avaliaram pesquisadores das áreas de informação nos Estados Unidos e no Reino Unido, respectivamente, identificando que o **índice h** confere maior nuance na análise comparativa.

Em particular, o *índice h* constitui um indicador de produtividade e impacto do pesquisador, contemplando uma distribuição pelos diversos trabalhos, em contraposição a outros indicadores de citação tradicionais. Por exemplo, Hirsch (2005) indica que uma métrica baseada em total de artigos pode privilegiar produtividade, não levando em consideração o impacto dos trabalhos em termos de citações. Em contrapartida, uma métrica de citações por *paper* pode privilegiar baixa produtividade (Hirsch, 2005), uma vez que um alto índice poderia ser alcançado com um denominador menor.

Já um indicador de número total de citações de todos os artigos do pesquisador poderia ser viesado por uma produção que reflete poucos trabalhos com muitas citações ou muitos trabalhos com poucas citações, não explorando simultaneamente produtividade e impacto. Considerando a definição, o *índice h* tem o mérito de estabelecer incentivos para que o pesquisador busque publicar mais trabalhos que venham a ter mais citações.

Obviamente, a própria definição do *índice h* apresenta pontos fracos. Por exemplo, o *índice h* não permite uma comparação direta entre pesquisadores, mesmo que sejam de uma mesma área de conhecimento, simplesmente por terem anos diferentes de experiência. Citação de trabalhos mais antigos pode se refletir em um mecanismo inercial (Schreiber, 2013), aumentando o *índice h* de pesquisadores que publicam há mais tempo, uma vez que a métrica apresenta um comportamento crescente ao longo do tempo (Schreiber, 2015). Assim, o *índice h* poderia privilegiar pesquisadores mais experientes.

Diversas métricas derivadas do *índice h* são tratadas na literatura, buscando aprimorar os pontos fracos ou torná-lo mais abrangente. Por exemplo, Hirsch e Buéla-Casal (2014) sugerem um ajuste baseado na idade científica, definida como o tempo decorrido desde a primeira publicação de um pesquisador. Nesse contexto, para contemplar aspectos de diferentes níveis de tempo de publicação, Hirsch e Buéla-Casal (2014) sugerem o uso do *índice m*, representado pela razão entre o *índice h* e a idade científica do pesquisador. Tendo em vista que, no *índice h*, citações adicionais a publicações que estão entre os h artigos mais citados não aumentam a métrica, Egghe (2006) propôs o *índice g*, representado pelo maior número de artigos que receberam pelo menos g^2 citações conjuntamente ou pelo menos g citações na média (Schreiber, 2010). Já Braun, Glanzel e Schubert (2006) e Xu, Liu e Mingers (2015) tecem considerações e adaptações para o uso do *índice h* para avaliação de periódicos.

Embora haja diversas variações de índices de produção acadêmica de pesquisadores, é importante destacar que grande parte da discussão de Hirsch (2005, 2007) envolve o argumento de que, desconsiderando o fator idade, o maior *índice h* tende a estar associado a um cientista com melhor desempenho futuro. Assim, embora o *índice h* tenha uma utilidade para avaliação de desempenho até um determinado momento, uma discussão relevante está associada com a identificação de métricas que permitam fazer estimativas de conquistas acadêmicas futuras. Afinal, métricas podem ser mais úteis para a previsão de desempenho futuro do que para a análise de performance passada.

Esperamos que essas discussões, mesmo que breves, sobre critérios de avaliação de *journals* e de pesquisadores, possam dar uma visão dos desafios que a comunidade científica brasileira enfrentará nos próximos anos, uma vez que o nível de monitoramento e cobrança tende a aumentar.

Referências

- Braun, T., Glanzel, W., & Schubert, A. (2006). A Hirsch-type index for journals. *Scientometrics*, *69*(1), 169-173. doi: 10.1007/s11192-006-0147-4
- Cronin, B., & Meho, L. (2006). Using the h-index to rank influential information scientists. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, *57*(9), 1275-1278. doi: 10.1002/asi.20354
- Egghe, L. (2006). Theory and practice of the g-index. *Scientometrics*, *69*(1), 131-152. doi: 10.1007/s11192-006-0144-7
- Hirsch, J. E. (2005). An index to quantify an individual's scientific research output. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, *102*(46), 16569-16572. doi:10.1073/pnas.0507655102
- Hirsch, J. E. (2007). Does the h index have predictive power? *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, *104*(49), 19193-19198. doi: 10.1073_pnas.0707962104
- Hirsch, J. E., & Buela-Casal, G. (2014). The meaning of the h-index. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, *14*(2), 161-164. doi: 10.1016/S1697-2600(14)70050-X
- Oppenheim, C. (2007). Using the h-index to rank influential British researchers in information science and librarianship. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, *58*(5), 297-301. doi: 10.1002/asi.20460
- Schreiber, M. (2010). Revisiting the g-index: the average number of citations in the g-core. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, *61*(1), 169-174. doi: 10.1002/asi.21218
- Schreiber, M. (2013). How relevant is the predictive power of the h-index? A case study of the time-dependent Hirsch index. *Journal of Informetrics*, *7*(2), 325-329. doi: 10.1016/j.joi.2013.01.001
- Schreiber, M. (2015). Restricting the h-index to a publication and citation time window: a case study of a timed Hirsch index. *Journal of Informetrics*, *9*(1), 150-155. doi: 10.1016/j.joi.2014.12.005
- Xu, F., Liu, W. B., & Mingers, J. (2015). New journal classification methods based on the global h-index. *Information Processing and Management*, *51*(2), 50-61. doi: 10.1016/j.ipm.2014.10.011

Dados do Autor

Herbert Kimura

Prédio da FACE, Sala A1-82-7, Campus Universitário Darcy Ribeiro, 70910-900, Brasília, DF, Brasil. E-mail: rac.herbert.kimura@gmail.com